

A importância do planejamento físico e territorial das cidades

Mauro Ferreira*



O futuro das cidades depende, quase sempre, de sua capacidade de planejamento e da definição de estratégias claras de desenvolvimento, de acordo com sua vocação particular.

Cidades como Curitiba, por exemplo, têm suas próprias características, produto de sua história única, das oportunidades, da capacidade política e de gestão de seus governantes e empreendedores, e também do caráter de seus cidadãos, mais ou menos participativos da sua vida política.

Curitiba, município inovador em transporte público e na implantação de grandes áreas verdes, é raro exemplo brasileiro de persistência de planejamento, mesmo quando enfrenta grandes problemas para ampliar a inclusão social e a qualidade de vida atingida pelos bairros mais antigos.

Para crescer de forma harmônica e sustentável, uma cidade precisa ser capaz de imaginar o que deseja para o futuro e não se contentar com o trivial.

Governos municipais burocráticos, pouco criativos e pouco afeitos à participação social, possuem reduzidas chances de transformar rapidamente e para melhor a vida dos cidadãos de suas cidades, local privilegiado para a realização dos sonhos de seus moradores.

É preciso levar adiante um processo de planejamento participativo que permita não somente ao governo, mas também à universidade, às empresas e à sociedade, a criação e a definição de visões e estratégias compartilhadas de futuro, tendo a educação de qualidade e a inovação como instrumento de inclusão social e crescimento econômico.

Isso implica em recuperar a capacidade de pensar e planejar democraticamente os rumos da cidade e do seu território físico, o que quer sua gente e qual a cidade que pode ser construída coletivamente.

Para isso, é necessário estabelecer mecanismos de mobilização e participação social, envolvendo especialistas e a sociedade, voltar a pensar em longo prazo de forma séria, responsável e sistemática, elencando um plano de ações com metas e indicadores que possa ser de fato monitorado pela sociedade de forma transparente, estabelecer um processo de comunicação e informação (inclusive digital) e ganhar o compromisso de participação de todos que sonham em construir uma cidade melhor. Pois, como dizem alguns, com toda a razão, “o futuro não existe, o futuro se constrói”.

*Mauro Ferreira atua na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em planejamento urbano, plano diretor participativo, administração pública municipal e habitação social. É mestre e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos/SP (USP), pesquisador do Laboratório de Estudos Sociais do Desenvolvimento e Sustentabilidade da UNESP – Franca e conselheiro da empresa Interação Urbana.